

Intervenção Social da Ald No Gúruè

Adérito Gomes Barbosa¹

Resumo

O presente texto procura apresentar, antes de mais, o distrito do Gúruè² e o Centro Polivalente Leão Dehon³, considerado um dos mais organizados e eficientes em Moçambique, pelas instituições governamentais, não governamentais e educativas. A ALVD⁴ como entidade e a sua intervenção em Moçambique constituem o segundo ponto do nosso desenvolvimento. Em terceiro lugar, salientamos os princípios pedagógico-sociais desta Associação.

GÚRUÈ

1. Situação em geral

O distrito do Gúruè localiza-se a Norte da Província da Zambézia (Moçambique), também chamada Alta Zambézia, zona montanhosa, tendo como limites o distrito de Malema ao Norte, a Sul com o Distrito de Mamarrói, Ile a Este com o Distrito de Alto Molócué, ao Oeste com os Distritos de Milange e Cuamba.

É no Distrito do Gúruè que se localiza o ponto mais alto da província, o Monte Namúli, com 2.419 metros de altitude. Este distrito é composto por 22

¹ Docente da Faculdade de Educação e Psicologia/ UCP

² Os anciãos, classe do povo, que veicula a tradição, referem que a palavra Gúruè (em lomwè) significa javali, porque, em tempos idos era uma região avassalada por estes animais.

³ João Leão Dehon, francês, fundou a Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus em 1978.

⁴ Associação de Leigos Voluntários Dehonianos.

localidades, e 2 postos administrativos. As localidades são: Gurùè com 22 bairros; Muaquia com 8 bairros; Mucunha com 7 bairros; Murrimo com 13 bairros; Vehiua com 10 bairros.

Um dos postos Administrativos é o Lioma, do qual fazem parte as seguintes localidades: Muximua com 4 bairros, Lioma, Magige, Nintulo, Mualijane, Tetete. Um outro posto administrativo é o de Mepuagiua, do qual fazem parte as seguintes localidades: Mepuagiua, Incize, Nicoropale, Nipive, Mugaveia. O bairro com um maior número de população é o Bairro Mepuariua com 3.869 habitantes, seguido do Bairro Cooperativo com 3.239 habitantes.

Tem uma superfície de 5.688Km² e uma população de 241. 303 habitantes em 2005, o distrito do Gúruè tem uma densidade de 42.6 habitantes por Km². A percentagem de mulheres é menor que a percentagem de homens na cidade do Gurùè. As mulheres constituem 49% enquanto para os homens constituem 51% da população.

A população é jovem com 46% abaixo dos 15 anos.

Com 74% da população analfabeta, predominantemente mulheres, a taxa escolarização no distrito é baixa, constatando-se que só 41% dos habitantes frequentam ou já frequentaram a escola

Só 2% das casas têm água canalizada, 14% já tem casa de banho, só 1% tem electricidade e 19% têm rádio.

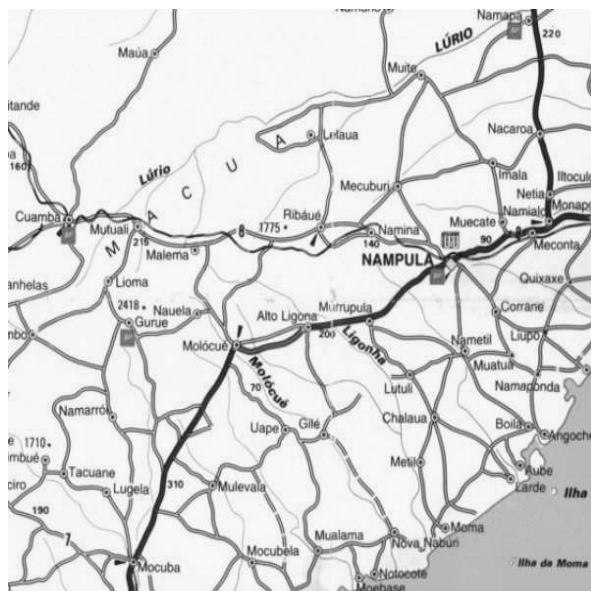
O quadro epidémico do distrito é dominado pela malária, diarreia, DTS e SIDA que, no seu conjunto representam quase a totalidade dos casos de doenças no distrito.

Só 24% das mulheres tem o conhecimento da língua portuguesa. A taxa de analfabetismo na população feminina atinge os 85%. Das mulheres com mais de 5 anos, só 69% frequentaram a escola.

O tipo de habitação modal do distrito é a palhota, com pavimento de terra batida, tecto de capim ou colmo e paredes de caniço ou paus⁵.

⁵ Ministério da Administração Estatal (2005). *Perfil do Distrito do Gúruè*. Província da Zambézia. Moçambique. Série: Perfis Distritais.

Mapa 1



Mapa2



2. Caracterização da população

“Miyo Kokhuma oNamuli”. (Eu saí do monte Namúli)

Segundo alguns historiadores modernos, o povo Macua não é mais do que um dos inumeráveis braços do grande delta das migrações bantas fixadas na África Austral, depois de terem chegado das savanas camorenesas nos primeiros cinco séculos da nossa era. No entanto, existe o grande mito macua, que diz que “todos os homens foram criados no monte Namúli...”. Segundo a lenda, os macuas multiplicaram-se tanto que se tornou necessário abandonar a montanha e espalhar-se pelo vale. O que é certo é que as migrações se deram ou atravessando as montanhas, de nascente, ou fixando-se em locais pantanosos, desde que a água estivesse assegurada.

Entre o povo Macua, existem grupos bem diferenciados. Os principais são os Lómwè, na Província da Zambézia e também do Niassa, os Meto (Cabo Delgado e Niassa) e os Macuas, propriamente ditos, que coincidem com a Província de Nampula, estendendo-se também em parte para Cabo Delgado e Niassa.

A mulher tem um papel fundamental e segundo o povo, a mãe é tudo. Isto porque todo o indivíduo, homem ou mulher é integrado desde o nascimento no clã da mãe (*nihimo*), a quem por essência pertence. Todo o *nihimo* tem uma avó comum (*apipi*). Todos os indivíduos com a mesma avó são portanto parentes entre eles.

Os homens não podem procurar mulher no seio do próprio clã. A mulher que ele desposar continuará a ficar estreitamente ligada ao clã a que pertence e também os filhos do matrimónio serão exclusivamente do clã da mulher.

O marido é um mero agente de procriação de todos os elementos para a descendência da mulher. Sendo a mulher a essência do clã, é-lhe exigida fidelidade ao lugar de nascimento, à terra em que habitam os espíritos dos seus antepassados. Por isso, o casal vai morar para perto dos pais da mulher.

Desde pequena, a mulher começa a ser preparada para a sua missão de maternidade. Muitas são as suas tarefas orientadas para o bem – estar familiar, amansar a terra, fazer panelas, ir à água e à lenha, ao mesmo tempo que, evidentemente, aprende a cuidar dos filhos.

Sujeita a numerosas responsabilidades e a trabalhos pesados, a mulher aparece numa situação de inferioridade: a sociedade é certamente matrilinear,

mas não matriarcal. Contudo, é grande o respeito com que a tratam, sobretudo, quando velha é rodeada de numerosa descendência.

As tarefas do homem são, entre outras, construir a casa, preparar e proporcionar as alfaías agrícolas, abater árvores e vegetação para a preparação de novos campos, fornecer roupa (*capulana*) e *miçangas* à mulher, providenciar a comida nos momentos mais críticos do ano.

A economia macua é essencialmente agrícola, quase uma agricultura de subsistência. Os produtos básicos de antiga tradição são: os cereais, milho e mapira. No entanto, a mandioca, em termos de alimentação quotidiana, prevalece por toda a parte.

À agricultura, junta-se a caça que é uma tarefa do homem e a recolha de frutos silvestres que é uma tarefa da mulher. A pastorícia não faz parte do estilo de vida do macua. Limitam-se à criação doméstica de animais de pequeno porte, tais como galinhas, porcos, cabras. A agricultura poderá ser considerada de semi – nómada, pois não conhece a rotação dos terrenos, nem o revolvimento da terra. Para a eliminação das ervas daninhas, utilizam as queimadas, o que, por sua vez, hoje, origina o desequilíbrio ecológico.

A economia do Distrito do Gurùè depende da produção de milho e da produção de chá. Neste distrito, existem 12 unidades de produção (UP) de chá.

O sistema comunitário africano está baseado sobre a propriedade privada como meio de iniciativa para participar activa e livremente na vida comum. “O meu trabalho é meu. Não trabalho para a comunidade. Trabalho para mim mesmo, para poder, por mim próprio, participar do bem comum e ser alguém”.

A pessoa nunca é um instrumento da sociedade, mas um membro que participa da vida comum executando o melhor possível a sua própria função, para obter grandeza e consideração.

3. Carências da comunidade

Há falta de cuidados de saúde em geral, nomeadamente na saúde materno-infantil, na adolescência, na educação para a saúde como higiene, sida e educação sexual entre outras.

Há a necessidade de uma educação-formação em geral em todos os sectores.

Sendo a agricultura uma “agricultura de subsistência”, há a necessidade de formar a mentalidade neste sector em ordem a uma auto-gestão na família e nas estruturas comunitárias.

Há que preparar e formar recursos humanos. Há que formar ao Desenvolvimento Sócio-Cultural.

4. O Centro Polivalente Leão Dehon⁶

O Centro Polivalente Leão Dehon abarca fundamentalmente a Escola, a fábrica e a residência dos directores⁷.

O sector da formação assenta na Escola Básica e Industrial do Gurùè e na organização de cursos profissionais mais breves. Os alunos matriculados recebem livros de texto de apoio que a própria escola policopia gratuitamente para todas as disciplinas teóricas bem como o material escolar necessário. O facto de ser gratuito possibilita o acesso aos estudos dos alunos sem recursos económicos. Os cursos leccionados integram três especialidades; A electricidade, mecânica auto; serralharia mecânica.

É necessário referir que esta escola envolve cerca de 80 alunos, num horário das 7 horas às 17.00 horas, com um intervalo para almoço de uma hora e meia. O plano curricular abrange as disciplinas de História de África, Português, Matemática, Inglês, Higiene e Segurança no Trabalho, Física, Química, Educação Física, Educação Cívica. As disciplinas de Formação Específica circunscrevem-se à Serralharia, à Mecânica Auto, à Electricidade. Pode elencar-se ainda a Informática como disciplina opcional.

O sector da produção inclui várias oficinas: Serração de madeira; Carpintaria; Escultura; Serralharia; Sapataria; Alfaiataria; Fotografia; Moagem; Extracção de Óleos Vegetais. Este é um centro com 150 trabalhadores na parte industrial. É o único centro da região, onde existe uma escola de carácter técnico.

⁶ Este centro situa-se mesmo à saída da cidade do Gurùè, incluindo a escola e a fábrica.

⁷ Os Directores são religiosos da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, italianos ou moçambicanos, também conhecidos por SCJ ou dehonianos.

O Centro Polivalente apresenta algumas necessidades, tais como, a aquisição de máquinas para as oficinas e voluntários tecnicamente qualificados. O Centro necessita de professores e técnicos para as aulas teóricas e práticas, para a preparação de pessoal local que num futuro possa vir a trabalhar no próprio Centro.

O sector da agricultura tem como princípio actuar de uma forma que possa beneficiar um maior grupo da população. Os objectivos deste sector são: contribuir para o melhoramento das infra-estruturas existentes no distrito; estimular a economia, a produção agrícola e a comercialização; cooperar com as autoridades locais e administrativas e apoiar o desenvolvimento regional descentralizado e o fortalecimento das estruturas locais⁸.

Os responsáveis da escola procuram ainda promover encontros de formação para a família dos alunos e dos trabalhadores, sobretudo na área da higiene, saúde, alimentação e outros aspectos da formação humana (dignidade, direitos, deveres, trabalho, cidadania, educação, família, responsabilidade, valores).

ALVD

1. Estatutos

A ASSOCIAÇÃO DOS LEIGOS VOLUNTÁRIOS DEHONIANOS, designada por ALVD (Artigo 1º) é uma associação privada voluntária, sem fins lucrativos, e tem por objecto o Apoio Humanitário e o Desenvolvimento Comunitário (Artigo 3º).

A ALVD tem por objectivos: intervir em situações de necessidade; cooperar, em regime de voluntariado, na formação humana, cultural e social nos países em desenvolvimento; contribuir para o aprofundamento do sentido da vida humana; implementar o espírito associativo (Artigo 4º).

Desta forma, a ALVD procura desenvolver projectos de solidariedade para diminuir as desigualdades sociais. Procura responder também às necessidades onde está inserida, de uma forma gratuita e solidária, através do trabalho dos voluntários⁹.

⁸ Segundo o relatório de actividades da ALVD (2000).

⁹ A partir do ano 2000, a ALVD já preparou e enviou cerca de 70 voluntários, a maior parte com intervenções de um ano e os outros com intervenções durante um mês em Moçambique.

No cumprimento dos seus objectivos, a ALVD desenvolverá, entre outras, as seguintes actividades:

- ∞ realização de projectos no âmbito da promoção humana, cultural e social;
- ∞ desenvolvimento de acções de formação no âmbito da educação para a saúde;
- ∞ promoção da educação e formação das crianças, adolescentes, jovens e adultos;
- ∞ promoção da educação para a cidadania (Artigo 5).

São requisitos necessários para ser membro da ALVD:

- ∞ ser maior de idade, com espírito de voluntariado;
- ∞ ter capacidade de trabalho em equipa;
- ∞ possuir uma adequada formação humana e profissional;
- ∞ manifestar estabilidade psicológica e emocional;
- ∞ disponibilizar-se para um compromisso temporário ao serviço da Associação;
- ∞ comprometer-se em pleno no cumprimento do projecto assumido;
- ∞ participar nas acções de formação indicadas no artigo 7º dos presentes Estatutos (Artigo 6º).

Os candidatos a membros da ALVD estão sujeitos a um período de formação, de cerca de um ano, repartida em duas fases:

- a) formação geral: discernimento e integração;
- b) formação específica: técnica e cultural (Artigo 7º)¹⁰.

Em 2008, a ALVD prepara grupos de candidatos a voluntários em Moçambique em Lisboa, na Madeira e no Porto para intervirem em 2009, 2010 e 2011.

2. Objectivos gerais da intervenção

Minorar as carências sentidas pela população: saúde, educação, agricultura e outros; elaborar um programa de desenvolvimento e integração que valorize os

¹⁰ As intervenções da ALVD circunscreveram-se ao Centro Polivalente Leão Dehon do Gúruê de 2000 a 2007. A partir de 2007, há voluntários da ALVD a intervirem no Centro Juvenil de Alto Mólouê e em 2008 voluntários da ALVD em Nampula, no Centro Cultural Napipine.

recursos locais; priorizar a formação profissional nomeadamente nos cuidados da saúde, na educação e noutras preocupações que se considerem no Desenvolvimento Social e Cultural; implementar a cultura do povo através de criação de bibliotecas locais de apoio às estruturas de ensino e à população em geral.

3. Áreas de intervenção

O Centro Polivalente do Gurué é um centro que emprega 150 trabalhadores na parte industrial e tem uma escola básica industrial. É o único centro da região, onde existe uma escola de carácter técnico.

Dada a carência de meios humanos (educadores, professores e outro pessoal auxiliar para a escola), materiais (livros e todo o material didáctico para a escola), assim como apoio cultural para a referida cidade e para a região do Gurué, a ALVD sentiu necessidade de intervir no sentido de ajudar a responder às necessidades locais.

Área de intervenção (educação). Um primeiro contexto de intervenção na área da educação, é a Escola Técnico Profissional. O local de intervenção tem como designação “Escola Básica Industrial do Gúrue” (EBIG).

A escola abrange um total de 80 alunos, divididos pelas áreas curriculares de Electricidade Geral, Mecânica - Auto e Serralharia Mecânica. Estes cursos têm a duração de 3 anos, tendo uma componente prática muito forte.

Os currículos destes cursos têm disciplinas como o português, matemática, higiene e segurança no trabalho. Pretende-se investir nos recursos humanos, ou seja, enviar professores especializados nas áreas referidas.

Para além das disciplinas curriculares, existe uma outra componente de disciplinas como o Inglês a Informática e Secretariado.

Objectivos nesta área:

- ↻ Enviar professores especializados nas disciplinas curriculares de carácter geral.
- ↻ Contribuir para aquisição de novos conhecimentos.
- ↻ Colaborar para a consolidação das disciplinas curriculares e extra curriculares.
- ↻ Permitir a entrada e a frequência de alunos na escola sem recursos económicos.

Área de intervenção (educação). Um segundo contexto de intervenção foi o apetrechamento de uma Biblioteca que abrange os alunos da Escola Básica Industrial e os alunos das diferentes escolas.

Objectivos nesta área:

Dinamizar a biblioteca através:

- ∞ Da aquisição de livros científicos e de aventuras.
- ∞ De fomentar o gosto pela leitura.
- ∞ De jogos didácticos.

Área de intervenção (educação). Um terceiro contexto é o da Alfabetização e Formação Humana e Técnica. Os destinatários são a população em geral do distrito. Tem como objectivos: continuar e desenvolver o curso de informática já iniciado em anos anteriores; permitir a redução do analfabetismo; desenvolver acções de formação ao nível da educação, na promoção da dignidade humana; possibilitar o conhecimento e valorização dos recursos locais; formação dos trabalhadores do Centro Polivalente Leão Dehon.

Objectivos na área:

- ∞ Continuar e desenvolver o curso de informática já iniciado em anos anteriores
- ∞ Permitir a redução do analfabetismo.
- ∞ Desenvolver acções de formação ao nível da educação, na promoção da dignidade humana.
- ∞ Possibilitar o conhecimento e valorização dos recursos locais.
- ∞ Dar formação aos trabalhadores do Centro Polivalente Leão Dehon.

No sector da educação, o distrito possui 100 escolas. No entanto, este número diz respeito às escolas primárias, escola do ensino básico e uma escola do nível médio, tendo ainda a escola técnico profissional já anteriormente referida.

O sector da primeira infância fica totalmente fora de qualquer plano de intervenção ao nível do país. Daí pretender-se criar um jardim-de-infância, pois as crianças desta idade passam o dia na rua, sem qualquer projecto. Nesta área, as carências são enormes; desde a falta de pessoal à falta de material. No entanto, a formação e informação da população é uma necessidade sentida na realidade, pois não existe uma informação adequada e clara à população.

O projecto de intervenção e desenvolvimento, criou uma linha de prevenção. No entanto, é necessário manter essa mesma linha para que possa fazer frente à propagação de várias doenças como a SIDA, a Malária, a Cólera.

Pretende-se trabalhar com o hospital distrital, na área da formação e informação, no sentido de educar para a saúde.

Objectivos na área:

- ∞ Colaborar com o hospital distrital, na área da formação e informação.
- ∞ Educar para a saúde na linha da prevenção.

Princípios pedagógico-sociais desta Associação

Educação

Educação e sociedade

Qualquer pessoa, medianamente sensível ao contexto social, detecta que é o modo completo da vida que educa. O contexto social, no seu conjunto, educa-nos e cria um espaço em que as nossas escolas operam.

Uma genuína sociedade educadora significa mais do que uma sociedade com boas escolas. Significa, entre outras coisas, uma sociedade com um sentido do que é bom para a comunidade, com uma moral social e com uma memória do próprio passado. As escolas podem contribuir para isto, mas não podem criá-lo fora de todo o contexto. Alguns poderão pensar que só uma transformação democrática das instituições tornará possível a sociedade educadora.

A educação só pode ter êxito quando, na escola, os professores tiverem o conceito solidário da sua missão e também quando outras comunidades implicadas ajudarem as famílias na organização das escolas.

As implicações no âmbito da educação são múltiplas, diversas e são de grande interesse as questões que se colocam: a noção de liberdade e a relação do indivíduo com a sociedade tem implicações educativas; as funções da família, da escola e a lei na formação moral; os direitos no terreno educativo: a dimensão social, humana forma parte da essência do homem? Que repercussões tem na educação? O que é hoje a educação e qual é o seu futuro? Que imagem de pessoa ou que conceito de sociedade se mantém ou fomenta? Como educar hoje numa sociedade com tão grande variedade de tradições culturais? Tradição ou

criatividade é uma alternativa adequada em educação? Como fomentar essas comunidades de aprendizagem e onde é possível transmitir uma tradição? Que importância tem a tradição na formação da personalidade humana?

Há uma conexão grande entre educação, pessoa e sociedade. O ensino é uma prática social realizada de acordo com uma tradição social e não simplesmente como uma transacção entre indivíduos isolados. Uma prática social é guiada por um modo de ver a tradição.

Sublinhar a tradição não é negar a possibilidade de criação ou mudança. Sem tradição não haveria nada que mudar. Na tradição, podemos distinguir dois elementos: habilidades ou técnicas e os modelos de ver o mundo.

O problema da educação é um problema ético que alcança uma dimensão política. A educação é a área onde mais se podem apreciar as diferenças entre endoutrinamento e uma potenciação da dignidade humana. Como deveria ser entendida e realizada a educação, sobretudo na sua vertente social, para seja um catalizador neste processo de crescimento vital?

O desenvolvimento de uma série de estratégias educativas pode potenciar ou dificultar a realização de uma educação plena e afectar a dignidade que o homem possui. Esta dignidade é algo aberto a possibilidades que manifestam a capacidade de autodeterminação e de projecto, que o homem possui, já que humanidade, dignidade e liberdade co-implicam-se.

Enquanto o animal está imerso no seu meio e indiferenciado dele, o homem está livre frente a um mundo ao qual é irredutível. É digno e livre; deve ser tratado como um fim e não como um meio. Assim, aparecem a liberdade e a dignidade, na abertura essencial do homem, enquanto ser que se supera e está aberto ao universal.

Os efeitos mais característicos são dois: incremento da qualidade do carácter humano e a construção de um mundo à medida do homem.

A qualidade de vida, autenticamente humana, não tem o seu centro de gravidade no exterior da sociedade; parece residir na decantação vital da liberdade razoável.

E que papel tem em tudo isto a educação, a escola, as instituições e a sociedade?

A educação pode ser uma ajuda para crescer na liberdade e na dignidade.

Será educativo tudo o que favorecer o aperfeiçoamento da pessoa.

A educação pode ser considerada como uma iniciação dos jovens, membros de uma sociedade nas tradições públicas.

Educação do cidadão

O conceito de educação individualista deve ser completado junto da *polis*. Já Platão aponta uma definição de educação, que pode situar a questão, como aquela que desde a infância exercita o homem à virtude e inspira o vivo desejo de chegar a ser um cidadão perfeito que saiba governar e ser governado de acordo com a recta justiça. A educação deve formar o cidadão. O carácter social da educação está sempre presente na tradição e no pensamento grego. O homem é um animal político, diz Aristóteles. A virtude colectiva é a consequência necessária da virtude individual.

A educação do indivíduo identifica-se com a formação política. O problema educativo que era para os gregos o problema da vida, devia ser o problema da vida política. Toda a cidade está empenhada em educar e organizar diversas actividades com a finalidade de formar as consciências, mediante o contacto directo e a participação imediata na vida política comunitária.

A educação ateniense na escola e na cidade tinha duas finalidades precisas: o desenvolvimento do cidadão fiel ao Estado e também a formação do homem como pessoa que adquiriu plena harmonia e domínio das próprias actividades.

O problema da educação é um problema ético, mas a dimensão política é uma actividade de cidade.

O homem é, por natureza, um animal político; nele a tendência de viver em sociedade com os seus próprios semelhantes, não só porque tem necessidade dos outros para a sua conservação, mas também porque não poderia ser virtuoso sem as leis e a educação. A sociedade não é uma formação artificial, mas uma necessidade natural das diversas formas de vida associada; a de Estado é, cronologicamente, a última a formar-se, mas logicamente é a primeira: defender os cidadãos e educar física e moralmente a quem participa na vida pública. Em Aristóteles, ética e política completam-se¹¹.

¹¹ Neste princípio da educação, seguimos de perto Naval (1995).

2. Responsabilidade

Pode dizer-se que o objectivo da responsabilidade é educar o sujeito para que adquira a capacidade de tomar decisões responsáveis.

Nesse sentido, deve entender-se a responsabilidade como ser e sentir-se autor dos próprios actos, como capacidade de presença pessoal, racional e livre para responder, dar-se conta de si e dos outros; levar para a frente os empenhos que se assumem; e assumir as consequências pessoais e em grupo da própria acção.

Há também que responsabilizar para a decisão. Esta é o acto pelo qual acabamos com a indeterminação. Enquanto não decidirmos continuamos na indecisão. Decidir é acabar com a própria indeterminação a partir de uma energia que não vem do exterior, mas daquele que decide.

Qual é a responsabilidade face ao outro?

O essencial aqui é que a presença do outro no campo da acção provoca um descentramento radical da existência: é uma outra existência que vem como apelo concreto, singular, impondo-se de maneira irrevogável. A missão que é imputada ao existente vem-lhe de uma alteridade, não de uma instituição, mas de um outro concreto que a requer precisamente como singularidade, dirigindo-se a uma singularidade. E ela a requer sob a forma de um apelo que a constitui como indispensável por relação a uma impotência, relativo a um desejo de ser.

O apelo que vem doutro é reconhecido num sentimento com repercussão imediata na afectividade, de uma presença que se impõe como requerente e como estabelecendo uma responsabilidade.

3. Solidariedade

Dizia Tamaro (2002, p. 134-136) que

“a nossa sociedade está doente, considerando o outro como um risco, como um perigo. Eu possuo. Sou proprietário do meu tempo, da minha casa, dos meus afectos, dos meus êxitos e não tenho vontade de os partilhar. A vida já não visa a relação com os outros, mas com as coisas. A gratuidade que está na base da vida, já não existe ou é olhada com desconfiança. O desejo torna o homem cada vez mais escravo, já que em vez de se servir das coisas, passa o tempo atrás e dependente delas. É que mal se satisfaz um desejo aparece logo outro. É como uma sede que nunca se poderá saciar”.

Fala-se de solidariedade entre as pessoas e os grupos da sociedade do bem-estar, mais sensíveis ao sofrimento e ao drama humano. Muitas pessoas no



primeiro mundo praticam-na de forma espontânea. Nas sociedades mais pobres, pratica-se a solidariedade como sobrevivência. Nestas sociedades, a solidariedade é urgente. Torna-se ainda mais urgente quando falta a justiça. Quando falta a justiça, só a solidariedade é resposta à sobrevivência.

No mundo actual, cresce cada vez mais a sensibilidade frente ao problema da justiça, frente às injustiças e às suas consequências. Cada vez são mais as pessoas excluídas dos bens e dos serviços do progresso. Cada vez há mais vítimas da injustiça. Enquanto há vítimas, todos somos responsáveis pela injustiça, mesmo não sendo directamente culpáveis. Diante da injustiça, muitas pessoas, grupos, organizações assumem o compromisso da solidariedade, para exercer esse “mais” da humanidade e da generosidade, apesar dos esforços dos organismos oficiais e mesmo não. Portanto, a solidariedade cresceu entre os muitos sectores da humanidade nos últimos tempos. Pode dizer-se até que esta projecção global e universal é uma característica da cultura moderna.

Os Meios de Comunicação Social têm contribuído para este espírito de solidariedade nas pessoas sensíveis ao sofrimento e à necessidade alheia, porque nos tiraram do nosso pequeno mundo, da nossa casa cercada. Abriram-nos uma janela para fora, para outros povos, para outros continentes, para outras situações sociais. Pode então apontar-se que os Meios de Comunicação Social nos aproximaram das vítimas de dramáticas situações que padece a maioria da humanidade: a pobreza mundial, fosso entre países pobres e países ricos, conflitos bélicos, terrorismo, os deslocados, os exilados, os emigrantes, a agressão às etnias indígenas e a expropriação das terras, exploração laboral das crianças, processos de marginalização, exclusão das mulheres e de outros grupos humanos, conflitos étnicos e religiosos, os genocídios, a desertificação, a poluição, as inundações, os fogos, os terremotos. Surgem-nos algumas questões: não devemos ser solidários com as vítimas, mesmo que estejam longe? Não somos responsáveis colectivamente por aquilo de que não somos culpados directamente? A nossa humanização não depende da humanização e da dignificação de todas as vítimas? Podemos estar tranquilos, enquanto contemplamos situações dramáticas? São perguntas para desafiar a nossa consciência (Díez, 2004).

Não existe o “eu” isolado. Para que haja o “eu”, este deve projectar-se para um “tu” que leva ao compromisso entre ambos¹². O homem é chamado a construir um mundo mais humano em que os homens se compenetraram como irmãos.

Como base e fundamento da solidariedade, há que colocar o amor, que passa por cima de todas as diferenças, que se faz solidário com as necessidades dos demais.

O amor ao próximo deve ser um amor efectivo que se manifesta nas obras de solidariedade, porque as obras são expressões de amor e não boas razões.

Escreve João Paulo II¹³:

“a solidariedade não é um sentimento superficial e vago para os males que sofrem tantas pessoas próximas e ao longe. É a determinação firme e perseverante de trabalhar para o bem comum, para o bem de todos e para o bem de cada um, porque todos somos responsáveis de todos”.

A solidariedade é o próprio esforço ao serviço da colectividade. Desde o começo da humanidade, o homem sempre necessitou da ajuda dos seus semelhantes. Nessa altura, as famílias uniram-se para se defenderem dos animais e dos outros povos. Ao longo dos séculos, os povos uniam-se em vista de interesses comuns. O homem como ser social não pode viver isolado. Não pode fazer tudo. Por isso, precisa da ajuda dos outros.

Hoje em dia há muitos movimentos de solidariedade. Em cada 10 europeus, 5 pertencem a uma das quase 3.000 organizações de voluntários. As Nações Unidas têm 60.000 Organizações Não Governamentais (Moral, 1997, p.3).

¹² A etimologia de *solidariedade* começa na palavra latina *solidus* que significa moeda forte, estabilidade económica forte. Posteriormente, o termo passou do campo económico para o jurídico: *in solidum* é a obrigação contraída com outros, mas que afecta cada um. Pode também dizer-se que solidariedade é o modo de direitos ou obrigação *in solidum*, adesão circunstancial à causa ou à empresa de outros. No Direito Romano, a solidariedade tem o sentido de obrigação moral, *in solidum*, de vários sujeitos em relação a um objecto único e idêntico (por exemplo vários padres párocos *in solidum* da mesma paróquia). Actualmente, o termo *solidariedade* tem um sentido ético para designar a convicção de que cada ser humano deve sentir-se responsável pelos outros.

¹³ SRS, nº 38. Este documento de João Paulo II, *A solicitude social da Igreja*, apresenta-nos os nºs 38, 39 e 40 sobre a solidariedade.

Se definimos a cultura como modo de pensar, sentir e actuar, há que fazer a solidariedade no pensar, no sentir e no actuar. Hoje, as principais instâncias de formação dos modos de pensar, sentir e actuar são a família, o grupo de amigos e os meios de comunicação social.

A cultura da solidariedade vai-se tornando possível com uma nova cultura da acção, da participação, da militância e do compromisso específico. A solidariedade não surge do nada, mas de um determinado cultivo de mentalidades, sentimentos e vontades. É preciso impulsionar o associativismo infantil e juvenil de carácter solidário, dado que os valores básicos do indivíduo cristalizam no período de formação da adolescência e da juventude, antes de entrar na vida adulta.

4. Voluntariado

Podemos afirmar que os valores mais salientes do voluntariado são a gratuidade, a solidariedade, a responsabilidade, espírito de colaboração perante o ser humano necessitado.

Os jovens e os adultos não têm em geral dificuldade em serem voluntários; não têm dificuldade em dedicarem parte do seu tempo aos que mais necessitam. O ser humano possui a capacidade de dar-se com alegria e entusiasmo, ajudando a dar sentido e razão de viver a quem das mais variadas formas necessita.

O voluntariado é mais do que uma acção. É um movimento. É um estilo de vida animado pelo amor ao próximo e pela solidariedade com o mais necessitado e desprotegido. O voluntário procura criar espaços de solidariedade, a fim de contribuir para a promoção humana integral do outro e favorecer a mudança pessoal e social na perspectiva da justiça e da solidariedade.

Nanni (1999) afirma que o voluntariado está a assumir um papel cada vez mais preponderante, sobretudo na escola, porque os jovens têm a necessidade de propostas novas, de estímulos convincentes e o voluntariado é uma resposta de empenho.

Ser voluntário é essencialmente uma vocação, porque envolve todo o ser da pessoa, antes de uma intervenção concreta. O voluntário não é aquele que faz, mas aquele que é, que está num caminho progressivo de estruturação da sua personalidade para a oblatividade, para o dom de si. É um processo de crescimento que se reforça e se orienta para uma nova ocasião de serviço. Este

crescimento é fruto da educação e de escolhas queridas, de modelos e de experiências. A liberdade pessoal tem um papel fundamental aqui.

O voluntariado, como facto social organizado, é o primeiro fruto visível desta maturação porque possibilita várias pessoas num projecto comum. É um modelo social, donde emergem novos valores, de relações humanas caracterizadas pelo assumir responsável de situações humanas, de soluções solidárias. Característica principal do ser voluntário é o envolvimento pessoal, profundo e progressivo num estilo de partilha e de serviço.

O voluntariado apela normalmente a uma ideia de acção, de laboriosidade e de eficiência. Quando o voluntário é verdadeiro, a sua parte substancial está nas profundas convicções que constituem a consciência de uma pessoa.

No chamado voluntariado internacional, o elemento caracterizante é a qualidade da pessoa do voluntário que decide viver alguns anos da sua vida em serviço desinteressado, numa cultura diferente, em ordem ao crescimento humano de outras pessoas ou grupos sociais.

A gratuidade, como atitude para um serviço altruista e desinteressado, como tendência a esquecer-se a si mesmo para o bem dos outros, é o aspecto mais evidente e mais construtivo deste estilo de vida. A gratuidade não exclui que para o voluntário esteja previsto um tratamento económico, sobretudo quando é a tempo inteiro e por muitos anos. Porque, se assim não for, só os reformados, os consagrados e os que têm bens podem fazer o voluntariado. Seja como for, o serviço não pode ser fonte de rendimento pessoal.

5. Gratuidade

A gratuidade não está, por si, ausente das relações sociais e muitos grupos humanos praticam-na. Há, no entanto, uma espécie de lógica do intercâmbio. Ao colocar-se a restituição no interior do intercâmbio, perde-se a dimensão da gratuidade. Procura-se a reciprocidade e a equivalência. Presta-se um favor na intenção de ser recompensado.

No âmbito das actividades económicas, a matriz é o intercâmbio, e nos chamados mundos vitais¹⁴, a gratuidade funciona como a regra. Na família, há um cuidado desinteressado pelos outros e, sobretudo, pelos membros mais

¹⁴ Os mundos vitais são espaços de experiências gratuitas como a família, voluntariado e outras instituições com estas características.

débeis, sem esperar nada em troca. A comunidade religiosa funda-se sobre a livre pertença e sobre a adesão a um património de valores ideais e espirituais fora do intercâmbio. Assim, os mundos vitais elaboram uma cultura e uma lógica da gratuidade, representam uma espécie de constante apelo à sociedade, para que não se torne prisioneira exclusivamente da lógica do intercâmbio, sobretudo, nas relações interpessoais, mas permaneça sempre aberta à lógica do dom.

A gratuidade indica um dom imprevisto e imprevisível que gera, na relação com o outro, sentimentos de apreço, de reconhecimento e de gratidão.

As grandes e fortes experiências da vida (da relação de amor à transmissão da vida, da relação com a beleza natural) são ou devem ser dimensões da gratuidade. Nesta dimensão de gratuidade, coloca-se a vida da família, nas suas dimensões constitutivas: a relação do casal e a relação pais e filhos; uma e outra experiência são incompreensíveis fora da lógica do dom, que é o fundamento da gratuidade.

A experiência da gratuidade está na base de uma autêntica experiência de amor. A maravilha, a surpresa fazem parte da gratuidade. Às vezes, o amor parece longínquo. O amor está no horizonte da gratuidade. Ama-se sem nada pedir em troca. Quando algo dado é retribuído, esta retribuição aparece como uma surpresa e como um dom gratuito. A persistência do amor é a permanência desta atitude de maravilha e de surpresa pelo dom de um outro, sempre novo e diferente, e que nunca acaba de revelar aspectos até agora inexplorados da sua pessoa.

A sociedade moderna exclui, do próprio horizonte, a gratuidade. A vida da sociedade contemporânea está carregada de direitos e de deveres. Desenvolve-se um trabalho e recebe-se uma retribuição. As próprias relações interpessoais são substituídas por especialistas de relação. No entanto, fora da esfera da lógica, há áreas como a beleza, a arte, a contemplação da natureza, a religiosidade e a família. Esta nasce da experiência da gratuidade do amor oferecido, aceite e partilhado. A lógica da família roda à volta da gratuidade: amor, serviço e partilha¹⁵. A gratuidade adquire relevo na sociedade. Há que organizar a

¹⁵ Há valores éticos fundamentais: a liberdade, como tendência a realizar-se plenamente a si mesmo, no que se refere à liberdade dos outros; a racionalidade como tendência a realizar-se, em modo cooperativo e competitivo, em relação aos outros; a historicidade da existência como tendência a realizar-se no presente, num diálogo fecundo com o passado, já constituído e herdado, e com um futuro aberto a novidades e a novas responsabilidades.

sociedade de tal modo que a natureza social e amante do homem não seja separada da sua existência social, mas seja uma coisa só. Se o amor é verdadeiro, é a única solução válida para o problema da existência humana. A sociedade que exclui o desenvolvimento do amor mais tarde ou mais cedo perece.

O amor, cuja expressão mais alta é a gratuidade, não pode ser relegado para a esfera dos sentimentos, mas para a transformação de toda a sociedade. A ideia de gratuidade está oculta há muito tempo na sociedade ocidental contemporânea, mas pouco a pouco vai emergindo. A família é um dos lugares desta imersão.

Para salvaguardar o espírito da gratuidade, numa sociedade dominada pela cultura tecnológica, é necessário defender os espaços de fantasia, de criatividade e de liberdade, tirados ao dia, que está programado e predeterminado¹⁶.

Para Baccharini (2001, p.67-68), o ser humano é constituído segundo uma lógica de radical gratuidade. É gratuito. O ser humano é auto-significativo. A gratuidade assume-se como sinónimo de totalidade de sentido. A gratuidade da pessoa indica uma originalidade, uma principalidade, que a tornam única. A unicidade e a irrepetibilidade são significativas a partir da lógica da gratuidade. A gratuidade é singularidade. Na gratuidade ontológica, manifesta-se uma autossignificatividade absoluta que é o pressuposto da dignidade.

¹⁶ A sociedade conhece o momento da alegria, da descontração, do divertimento. Em geral, o princípio da sociedade não é representado pelo prazer, mas pelo dever e toda a vida social é concebida como um conjunto de deveres e de obrigações. Nos mundos vitais, esta dimensão de alegria, de espontaneidade, de liberdade está constantemente presente e constitui a sua alma profunda. Basta pensar na dimensão do prazer, de alegria, de intercâmbio emocional que caracteriza a relação entre o homem e a mulher, não só sob o aspecto da sexualidade, e também, a relação entre pais e filhos. Quando a família é fiel à sua profunda vocação, as relações homem-mulher, pais-filhos são colocadas no sentido do amor, numa linha de espontaneidade, de liberdade de relações e, não só em direitos e deveres, obrigações. Na família e na comunidade religiosa, o que conta é a atitude de espontaneidade nas relações, um contexto de vida relacional, onde há o humor, o riso, aspectos recusados pela sociedade tecnológica para a qual isto não é útil. Não se entende como a sociedade não conhece a dimensão da convivialidade. Esta é uma excepção na sociedade, mas uma regra na família. Nesta atitude à convivialidade, está a força da família. Também a comunidade religiosa é marcada pelas dimensões de alegria, de criatividade, da espontaneidade de relações que nunca devem ser sufocadas pela ritualidade da instituição.

6. Educação para os valores

Rokeach (1973) divide os valores finais em valores de dimensão pessoal e de dimensão social. Os valores pessoais ou intrapessoais são centrados na própria pessoa, e os sociais ou interpessoais são centrados na sociedade.

Valores de orientação pessoal:

- ∞ Amor adulto (intimidade sexual e espiritual);
- ∞ Dignidade (respeito por si próprio);
- ∞ Felicidade (satisfação);
- ∞ Harmonia interior (ausência de conflitos internos);
- ∞ Igualdade (fraternidade, oportunidades iguais para todos);
- ∞ Liberdade (independência, liberdade de escolha);
- ∞ Prazer (uma vida agradável e despreocupada);
- ∞ Reconhecimento social (admiração e prestígio);
- ∞ Sabedoria (conhecimento profundo da vida);
- ∞ Salvação (vida eterna);
- ∞ Sentido de realização (contributo importante, duradouro);
- ∞ Uma vida apaixonante (uma vida activa e estimulante);
- ∞ Uma vida confortável (uma vida próspera);
- ∞ Verdadeira amizade (companheirismo, camaradagem).

Valores de orientação social:

- ∞ Segurança familiar (preocupação com os entes próximos);
- ∞ Segurança nacional (protecção contra ataques externos);
- ∞ Um mundo de beleza (beleza natural e artística);
- ∞ Um mundo de paz (sem guerras, nem conflitos).

Os valores instrumentais dividem-se em valores de orientação moral e de orientação de competência. Os valores de orientação moral referem-se principalmente a modos de comportamento e não incluem, necessariamente, valores que dizem respeito à dignidade de cada existência; são os que têm foco interpessoal e que, quando violados, provocam peso na consciência. Os valores de orientação de competência ou auto-realização têm um foco pessoal e não parecem estritamente ligados à moralidade (Rokeach, 1973).

Valores de orientação de competência:

- ∞ Ambicioso (trabalhador, com aspirações);
- ∞ Capaz (competente e eficaz);
- ∞ Controlado (autodisciplinado e contido);
- ∞ Espírito aberto (mentalidade aberta);
- ∞ Imaginativo (criativo e ousado);
- ∞ Independente (auto-suficiente, autoconfiança);
- ∞ Intelectual (inteligente, ponderado);
- ∞ Lógico (coerente, racional);
- ∞ Responsável (confiança, seguro).
- ∞ Valores de orientação moral:
- ∞ Afectuoso (terno, carinhoso);
- ∞ Alegre (bem disposto, jovial);
- ∞ Corajoso (defensor das suas convicções);
- ∞ Educado (cortês, com boas maneiras);
- ∞ Honesto (sincero, verdadeiro);
- ∞ Limpo (metódico, arrumado);
- ∞ Obediente (respeitador, cumpridor);
- ∞ Prestável (pronto a ajudar);
- ∞ Tolerante (tendência para perdoar os outros)¹⁷.

Quando se trata de referir outros valores, como proposta da ALVD, não presentes na escala de Rokeach, predominam os valores, tais como: a *solidariedade*, a *justiça* e a *gratuidade o voluntariado*, a *partilha*, o *serviço*, a *cooperação*, a *fraternidade*, o *diálogo* e a *disponibilidade*, o *trabalho*, a *saúde*, a *economia* e o *sucesso*, entre outros.

Os valores encontram-se na família, nos colegas, nos amigos, nos grupos, e nos conhecidos. É necessário ver de outra maneira, resgatar o carácter quotidiano do valor. Torna-se necessário descobrir os valores de cada um, tomar consciência deles e ver até que ponto orientam a própria vida. Se uma pessoa não descobre o positivo em si, também não o vai descobrir nos demais.

A educação para os valores concretiza-se na experiência e na realização do valor. O destino do ser humano é, antes de mais, acção. A acção é a forma fundamental da existência social do homem. Não se dá educação separada da

acção, da práxis. A apropriação do valor passa, necessariamente, pela sua descoberta, através da experiência, na realidade imediata e significativa para o educando. Só quando o valor é posto em prática pelo próprio sujeito, quando ele tem experiência da sua realização pessoal, desse valor, pode dizer-se que se dá a apropriação do valor. Assim, os valores aprendem-se e praticam-se. Além de uma clarificação do valor, há que propor aos educandos o compromisso para um determinado valor, para assim perceber a vinculação entre este e práxis e fazer da práxis o meio privilegiado da educação ou apropriação do valor (Ruiz & Vallejos, 2001), com o apoio imprescindível do educador.

Bibliografia

- Baccharini, E. (2001). Pressuposti antropologici di una cultura della solidarietà. In C. Bucchiarelli (Coord.). *Ética e solidariedade. Per una fondazione ética della cultura della solidariedade*. Roma: Fondazione Italiana per il Volontariato, 65-86.
- Barbosa, A. G. (1999). *Jovens do futuro*. Lisboa : Paulus.
- . (2000). *Jovens com valores*. Lisboa: Paulinas.
- . (2001). *Jovens com projecto de vida*. Lisboa: Paulinas.
- . (2007). *O valor da gratuidade na educação dos jovens*. Lisboa: UCP.
- Campanini, G. (2002). *Le parole dell'etica. Il senso della vita quotidiana*. Bolonha: EDB.
- Diez, F. M. (2004). *El compromiso cristiano. Cristianos en el mundo*. Salamanca: Editorial San Esteban.
- Direcção Provincial da Educação da Zambézia. *Relatório de Actividades de 2004*.
- João Paulo II. (1988). *A solicitude social da Igreja*. Lisboa: Rei dos Livros.
- . (1991). *Centesimus Annus*. Porto: Perpétuo Socorro.
- Ladrière, J. (1997). *L'éthique dans l'univers de la rationalité*. Namur : Artel.
- Lickona, T. (1991). *Education for Carácter. How our schools can teach respect and responsibility*. New York: Bantam Books.
- Ministerio da Administração Estatal. República de Moçambique. (2005). *Perfil do Distrito do Gúruè*. Maputo: Série Perfis Distritais de Moçambique.
- Moral, J. L., *Entrañas Humanas: sentimiento en la razón, razón en los sentimientos*. *Misión Joven*, 240-241, 1997, 3-4.
- Nanni, C. (1997). *Formazione*. In J.M. Prellezo (Coord.). *Dizionario di Scienze dell'educazione*. Torino: LDC, 432-435.
- Naval, C. (1995). *Educar ciudadanos. La polémica liberal-comunitarista en educación*. Pamplona: Eunsa.
- Quintas, A. L. (1998). *Manual de formación ética del voluntariado*. Madrid: Rialp.
- Rivas, M. D. R., *La solidaridad como respuesta: el cauce de las ONG*. *Misión Joven*, 240-241, 1997, 15-27.
- Ruiz, P.O. e Vallejos, R.M. (2001). *Los valores de la educación*. Barcelona: Ariel.

- Simon, R. (1993). *Éthique de la responsabilité*. Paris : Cerf.
- Sousa, J. A. F. (1993). *Solidariedade no pensamento de João Paulo II*. Lisboa: UCP.
- Stock, M. J. (1997). Comunidade. In *Polis I*, Lisboa: Verbo, 2ª edição, 1071-1072.
- Tamaro, S. (2002). *O Fogo e o Vento*. Lisboa: Ed. Presença.